

## **PROJETO FINANCIADO PELA CHESF**

\*Consultor do PAX, Mestre em Antropologia – UnB,  
Doutorando em História Social – UFRJ, Professor do  
Departamento de História – UFS.

**Francisco José Alves\***  
**NOTA SOBRE A OCUPAÇÃO**  
**DO BAIXO SÃO FRANCISCO**

**Documento 8**

**1997**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**REITOR: Prof. Dr. José Fernandes de Lima**

**VICE-REITOR: Prof. Dr. Josué Modesto dos Passos Subrinho**

**PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ - PAX**

**COORDENADOR GERAL:**

**Prof. Dr. José Alexandre F. Diniz**

**COORDENADORES TÉCNICOS:**

**Arqueóloga Maria Cleonice de Souza Vergne**

**Arqueóloga Suely Luna**

Os CADERNOS DE ARQUEOLOGIA, publicação seriada do Projeto Arqueológico de Xingó, que têm por objetivo a divulgação de resultados de pesquisas produzidas na área, contam com duas séries: 1) Documentos, que publicam versões simplificadas de relatórios oficiais do Projeto, e 2) Textos, que publicam trabalhos de pesquisas independentes. de autoria de membros e assessores do Projeto ou de outros pesquisadores.

## 1. DESCOBERTA E OCUPAÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

No Nordeste, a região do Baixo São Francisco (Sergipe e Alagoas) é uma área cuja presença européia remonta ao século 16. É, portanto, uma região de ocupação histórica muito antiga. Esta antiguidade é decorrente de dois fatores básicos: em primeiro lugar a existência do próprio rio São Francisco usado como “caminho”, guia de caminhada. Como é sabido, este foi o papel dos rios na penetração colonial em terras brasileiras. Eles foram fundamentais na condição de balizas da expansão no movimento do litoral para o interior. Outro fator explica a ancianidade da colonização da área. É a proximidade da região em relação a dois focos da expansão colonial: Bahia e Pernambuco.

Nos séculos 16 e 17 o Baixo São Francisco exerceu o papel de aglutinador do movimento de expansão colonial oriundo de Pernambuco e da Bahia.<sup>1</sup>

Nesta região encontraram-se baianos e pernambucanos. Estes, juntamente com os “paulistas”, engendraram os primórdios da colonização na sua fase histórica (iniciada no século 16).

Além de pernambucanos e baianos o Baixo São Francisco foi cenário de incursões de bandeirantes paulistas. O famigerado presador de índios Antônio Raposo Tavares (1598-1658), por exemplo, esteve por lá nos inícios do século 17, conforme o testemunho coevo dos padres jesuítas Simon Maceta e Justo Macilla, em carta datada de 1629. O bandeirante fez “entradas”

***“até as cabeceiras do [rio] Maranhão e até o rio São Francisco, que entra no mar entre Bahia e Pernambuco, e outros lugares muito longe”.***

Arrematam os dois jesuítas que o Bandeirante passou por todos estes lugares “consumindo e arrasando tudo”.<sup>2</sup>

Antônio Raposo Tavares (1598-1658?) também atuou na guerra contra os holandeses movida pelos portugueses. Fez parte da leva de paulistas que, convidados pelas autoridades do “norte” (BA e PE), vieram labutar na expulsão dos batavos. O bandeirante paulista recebeu do

---

<sup>1</sup> RIBEIRO, João. *História do Brasil*. 16ª ed. Rio: Livraria São José, 1957.p.135.

<sup>2</sup> “Relação feita pelos padres Justo Macilla e Simon Maceta” em 10 de outubro de 1629. In: RIBEIRO, Darcy e MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *A Fundação do Brasil: testemunhos – 1500-1700*. Petrópolis: Vozes, 1629.p. 296-298.p. 298

vice-rei Dom Fernando de Mascarenhas, na Bahia, patente de “Capitão de Infantaria”, datada de sete de agosto de 1639.<sup>3</sup>

Outro testemunho da presença paulista na região do Baixo São Francisco no século 17, é dado pelo sertanista Pedro Carrilho de Andrade. Em memorial ao rei de Portugal, informa: “um Mathias Cardoso (...) assiste com a sua gente no Rio de São Francisco”.<sup>4</sup> Este Mathias Cardoso veio ao Nordeste debelar a chamada “Guerra dos Bárbaros”.

Na ocupação histórica da região do Baixo São Francisco três personagens destacam-se: Euclides da Cunha (1866-1909), historiando a ocupação da área, sumária com propriedade:

*“bateram-lhe por igual às margens [do Rio São Francisco] o bandeirante, o jesuíta e o vaqueiro”.*<sup>5</sup>

De fato, o Baixo São Francisco foi o cenário do encontro destes protagonistas da história colonial. O bandeirante vinha na busca dos minerais preciosos e do apresamento de indígenas; o jesuíta buscava o gentio para lhe salvar a alma, reunindo-o em missões.<sup>6</sup> O vaqueiro demanda as margens do São Francisco buscando pastagem para o gado. Como notou João Ribeiro, o rio São Francisco foi *“o grande caminho da civilização brasileira”*.<sup>7</sup>

As referências históricas à região são muito recuadas. Um documento quinhentista que se refere ao rio São Francisco é o *Livro da Nau Bretoa* (1511). O “livro” é, na verdade, um conjunto de documentos relativos à viagem iniciada em 22 de fevereiro de 1511. A finalidade da expedição, saída de Lisboa, era explorar a costa brasileira. A armada era formada por Fernão de Noronha, Bartolomeu Marchione, Benedito Morelli e Francisco Martins. A “Nau Bretoa” levou para Lisboa uma carga de cinco mil toras de pau-brasil, gatos, papagaios, macacos, saguins etc. O navio chega à costa brasileira, à altura da foz do São Francisco, no início de abril de 1511. O diário de bordo registra:

---

<sup>3</sup> FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*. SP: Edusp, BH: Itatiaia, 1989.p. 411-18, p.417.

<sup>4</sup> “Memória sobre os índios no Brasil”, (1699) In: RIBEIRO, Darcy e MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *A Fundação do Brasil: testemunhos – 1500-1700*. Petrópolis: Vozes, 1992.p. 339-340.p. 340

<sup>5</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 34ª ed. Rio: Francisco Alves, 1989, p.68.

<sup>6</sup> CASAL, Manuel Aires. *Coreografia brasílica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.p.

<sup>7</sup> RIBEIRO, João. *História do Brasil*. 16ª ed. Rio: Livraria São José, 1957.p. 137.

***“Aos seis dias do mês de abril [de 1511] em domingo de Lázaro chegamos à vista do rio de São Francisco terra do brasil”.***<sup>8</sup>

Nos primórdios da colonização portuguesa Pero Lopes de Souza (?-1542) em seu *Diário da Navegação*, no dia 11 de março de 1530, escreve:

***“Em se pondo o sol demos n’hũa aguagem do rio de Sam Francisco que fazia mui grande escarceu”.***<sup>9</sup>

Assim, três décadas após a descoberta as referências à região já eram usuais. A “aguagem” a que faz referência o navegador é, sem dúvida, a foz do São Francisco.

A “Carta de doação da capitania de Pernambuco a Duarte Coelho”, de 5 de setembro de 1534 nomeia o rio São Francisco na sua região inferior. Estabelecendo os limites da capitania, o rei de Portugal, D. João III, escreve: a capitania de Pernambuco terá

***“sessenta legoas de terra na dita costa do Brasyl as quais se começará no Ryo de Sam Francisco que he do cabo de Santo Agostinho pera ho sul...”.***<sup>10</sup>

A importância do rio São Francisco foi logo percebida, nos primórdios da colonização do Nordeste. No “Primeiro regimento que levou Tomé de Siuza governador do Brasil”(1549), o rei de Portugal Dom João III, que reinou entre 1521-1557, estipula

***“(...) que tanto que houver tempo e disposição para se bem fazer ordeneis de mandar alguns bergantins toldados e bem providos do necessário pelo rio do Percun de São Francisco com línguas da terra e pessoas de confiança que vão pelos ditos rios acima o mais que puderem (...) e por onde e de como os puzerem façam***

---

<sup>8</sup> “Livro da Nau Bretoa...1511”. In: RIBEIRO, Darcy e MOREIRA NETO, Carlos de Araújo (org). *A Fundação do Brasil: testemunhos – 1500-1700*. Petrópolis: Vozes, 1992.p. 126-130.p. 126

<sup>9</sup> SOUZA, Pero Lopes de. “Diário da Navegação”. In: *Cadernos de História*. São Paulo: Parma, 1979.p. 27.

<sup>10</sup> “Carta de doação da capitania de Pernambuco a Duarte Coelho”, em 5 de setembro de 1534. In: RIBEIRO, Darcy e MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *A Fundação do Brasil: testemunhos – 1500-1700*. Petrópolis: Vozes, 1992.p. 138-141.p. 138

*assentos autenticos e assim [também] dos caminhos que fizeram...”<sup>11</sup>*

*O Tratado Descritivo do Brasil em 1587* de Gabriel Soares de Souza (c. 1540 – c. 1591) é outra fonte sobre a região no século 16. Gabriel Soares de Souza traz informações minuciosas sobre os rios, os povos indígenas e os produtos da terra. Tomando como baliza o rio São Francisco o cronista nomeia os povos que habitavam suas margens: “caetés, tupinambás, tapuias...” Até então, a colonização não tinha se fixado na área. Permanecia nela os primitivos habitantes. Terra já conhecida pelos portugueses todavia ainda não fora conquistada.<sup>12</sup>

O cronista Pero de Magalhães Gandavo em sua *História da Província de Santa Cruz* (1576) assim retrata o São Francisco:

*“Outro mui notável [rio] sae pela banda do oriente (...) chamam de Sam Francisco: cuja boca [foz] está em dez grados e hum terço, e terá meia legua de largo. Este rio entra tam soberbo no mar, e com tanta fúria que nam chega a maré a boca (...) corre-se da boca, do Sul para o Norte: dentro e muito fundo o limpo e pode-se navegar por elle até sessenta léguas como já se navegou. E dahi poe deante se não pode passar por respeito de huma cachocina mui grande que há nesse passo onde cae o pezo da agoa mui alto”.*

Um passo notável desta crônica quinhentista, quanto ao conhecimento e colonização da região do Baixo São Francisco, é quando Gandavo informa a navegabilidade do rio vai até 60 léguas da foz (boca). Já então a área era visitada pelos europeus.<sup>13</sup>

Já Fernão Cardim (1548-1625), no *Tratado da Terra e Gente do Brasil* (1625), elencando os diversos grupos indígenas habitantes do Brasil quinhentista registra:

---

<sup>11</sup> “Primeiro Regimento que levou Tomé de Souza, governador do Brasil, c 1549” In: RIBEIRO, Darcy e MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *A Fundação do Brasil: testemunhos – 1500-1700*. Petrópolis: Vozes, 1992.p. 142-148.p. 147

<sup>12</sup> SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional, Brasília: INL, 1987.p. 64.

<sup>13</sup> GANDAVO, Pero de Magalhães. “História da Província de Santa Cruz”. In: *Cadernos de História*. São Paulo: Parma, 1979.p. 28-29, 70 e 75.

*“Por uma corda do rio São Francisco vivia outra nação [indígena] a que chamavam caeté [caeté] e também havia [tribos] contrárias entre estes e os de Pernambuco”.*<sup>14</sup>

O cronista jesuíta põe a existência dos indígenas Caetés no tempo passado (“vivia”, “havia”). Tal notação dá conta do extermínio que foram vítimas este grupo no decorrer do século inicial da colonização. A morte do bispo D. Pero Fernandez Sardinha, em 1556, desencadeou um conjunto de ações vingativas por parte dos colonizadores.

A ocupação da área do Baixo São Francisco (alagoano e sergipano), como vimos, decorreu da expansão de dois focos da expansão colonial: PE e BA. O historiador Jaime Altavila dá como sendo seus primeiros exploradores o donatário pernambucano Duarte Coelho Pereira, o bandeirante Tomás do Bomfim Espíndula e o fidalgo Cristóvão Lintz, todos na primeira metade do século 16. Sobre este último informa o precioso *Dicionário de Bandeirantes e Sertanejos do Brasil*:

*“Cristóvão Lintz era proprietário de um engenho em Porto Calvo (PE), sendo tronco de numerosa descendência em Pernambuco. Combateu acerrimamente os potiguaras e foi ele quem levantou a Fortaleza de Cabedelo”.*<sup>15</sup>

Para o século 17 temos o informe do Pe. João Antônio Andreoni (André João Antônil) que viveu entre 1649 e 1716. Antonil demarca os contornos da chamada “civilização do couro”. Diz ele sobre os currais baianos e pernambucanos nos limites do Baixo São Francisco: *“Os curraes da parte da Bahia estão postos na borda do rio de São Francisco”*. E, comparando o número dos currais baianos aos de Pernambuco, registra:

*“E posto que sejam muitos os currais da parte da Bahia chega a muito maior número os de Pernambuco; cujo sertão se estende pela costa desde a cidade de Olinda até o rio São Francisco”.*<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> CARDIM, Fernão. *Tratado da Terra e Gente do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite e Cia. 1925. P.195.

<sup>15</sup> FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de Bandeirantes e Sertanejos do Brasil*. SP: EDUSP, 1989. P.224.

<sup>16</sup> ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil...ed.facsimilar da edição original de 1711*. Recife: Museu do Açúcar, 1969.p. 184.

Outro cronista do século 17, Sebastião da Rocha Pita (1660-1738) em sua *História da América Portuguesa*, também retrata o São Francisco.

*“Distante cinquenta léguas por costa, numeradas desde o cabo de Santo Agostinho (PE), esta o grandíssimo rio de São Francisco”.*

Informa o cronista que as margens do dito rio são “mais povoadas que todas as dos outros [rios] do Brasil”. Vivendo na segunda metade do século 17, Rocha Pita dá conta do incremento colonizador vivido pela região no decorrer daquele século. Como Gandavo, uniforma que a área navegável, da foz para o sertão, é de “mais de quarenta léguas”.<sup>17</sup>

O Baixo São Francisco foi um cenário importante durante a ocupação holandesa no Nordeste (1630-1661). Foi na vigência do domínio batavo que Maurício de Nassau fundou o “Forte de Maurício” onde surgiu a atual cidade de Penedo (AL). A região foi explorada e ocupada pelos agentes da Companhia das Índias Ocidentais. Durante expulsão (1648-1654) o Baixo São Francisco foi teatro de guerra.

O historiador Capistrano de Abreu (1853-1927) toma a terceira década do século 17 como sendo um marco na ocupação da região. Naquela época os colonizadores instalaram-se definitivamente na área. Todo o século anterior representou tentativas. Assegura o estudioso, que a partir de 1630 a área já estava repartida entre os colonizadores.<sup>18</sup>

A conquista inicial da região do Baixo São Francisco, na parte sergipana, ocorre logo após a conquista militar da capitania, em 1591. Nas primeiras décadas do século 17 muitas sesmarias são distribuídas na região. O primeiro a ser aquinhado com a doação de terras é Antônio Cardoso, filho do conquistador Cristóvão de Barros. Ele recebeu uma sesmaria situada entre os rios Japarutuba e o São Francisco.

No século 18 estava, definitivamente, ocupada a região. A vitória do colonizador sobre os nativos implicou a inserção do Baixo São Francisco nos quadros da Economia Colonial. Como no litoral tal empreita implicou a quase completa dizimação dos antigos habitantes daquele território.<sup>19</sup> O povoamento colonial na região foi voltado sobretudo para criação de gado. Nesta fase da colonização houve uma tendência a especialização do território

---

<sup>17</sup> PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa*. Belo Horizonte: Itatiaia, SP: Edusp, 1976.p. 23.

<sup>18</sup> ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial & Os caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.p. 158-259.

<sup>19</sup> Ibidem,pp. 261-262

no tocante às atividades produtivas implementadas. O litoral dedicou-se ao cultivo da cana de açúcar, ao passo que o interior voltou-se para as atividades da criação do gado. Esta é a dupla face da economia colonial em termos mais gerais. Como nota um historiador, a expansão colonizadora teve que enfrentar a resistência dos índios que ocupavam a região.<sup>20</sup>

Capistrano de Abreu, estudioso pioneiro da região, fala do duplo destino dos índios habitantes da área: o extermínio ou o aldeamento. Genocídio ou etnocídio. Os indígenas foram açoitados tanto pela corrente expansionista baiana quanto pela pernambucana. Sobrava a alternativa de submeter-se a direção dos inacianos.<sup>21</sup> De fato, formaram-se inúmeras missões na região.

Um estudo recente mapeia os grupos indígenas existentes na área à época da chegada dos europeus, no século 16: Tupinambás e Caetés. Os tupinambás no Baixo São Francisco e os Caetés ao norte do rio até Itamaracá.<sup>22</sup>

O Baixo São Francisco inicialmente povoado de fazendas em fins do século 17 começou a possuir os seus primeiros núcleos urbanos.

João Ribeiro (1860-1934), em sua magistral *História do Brasil para o curso superior* (1900), sintetiza as formas de surgimento dos aglomerados urbanos no Brasil colonial:

***“As cidades surgiram umas das missões e aldeias dos índios, outras das feiras do sertão, dos pontos de passagem e travessias dos grandes rios, e ainda muitas ao pé dos fortes...”***<sup>23</sup>

Como mostra o estudioso eminente, diversas razões ensejaram o surgimento das cidades brasileiras na fase colonial. Algumas tiveram motivação religiosa, (catequese); outras comerciais, outras nasceram por razões militares. Esta mesma tipologia pode ser aplicada aos focos do povoamento na região do Baixo São Francisco. O surgimento de muitas das atuais cidades da região teve razões religiosas, econômicas e militares.

---

<sup>20</sup> ALBUQUERQUE, Manuel Maurício. O Povoamento. In: HEREDIA, Maria da Glória Campos (org). *Geografia do Brasil: regiões Meio-Norte e Nordeste*. Rio de Janeiro: IBGE/CNG, 1962.p. 162.

<sup>21</sup> ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial & Os caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.p. 150-261.

<sup>22</sup> DANTAS, Beatriz Góis; SAMPAIO, J. Augusto L. e CARVALHO, Maria Rosário G. de. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro. In: CUNHA, Manuela Carneiro (org) outros. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: FAPESP/Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.p. 437.

<sup>23</sup> RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Curso Superior. 16ª ed. Rio: Livraria São José, 1957.p. 91.

## 1.2 UM FOCO DA OCUPAÇÃO REGIONAL: SANTO ANTÔNIO DO URUBU DE BAIXO (PROPRIÁ)

A origem de Propriá ocorre nos moldes de muitas outras cidades brasileiras surgidas na fase colonial. Uma sesmaria primitiva evoluía para povoado, deste para vila e, finalmente, tornava-se cidade. Foi o que ocorreu com o exemplar sergipano. Foi fazendas nos séculos 16 e 17, paróquia em 1718, vila em 1801 e, por fim, adquiriu o estatuto de cidade em 1854.

A atual cidade de Propriá tem origem nas fazendas de Pedro Abreu Lima. Este, em escritura datada de 2 de dezembro de 1681, deixou suas terras para os filhos. Pedro Abreu Lima era genro de Antônio Cardoso de Barros (filho de Cristóvão de Barros, conquistador militar de Sergipe). A carta sesmaria que doou as terras do atual município de Propriá é datada de 9 de abril de 1591.<sup>24</sup>

Manuel Aires do Casal (1754?-1821?) em obra do início do século 19, retrata Propriá como uma vila “inculta”, povoada mais de gado do que de gente. O testemunho do Pe. é digno de confiança. De fato, no período colonial as vilas tinham muitas vezes, existência precária. Em grande parte do ano ficavam vazias. Este possivelmente era o caso de Propriá nos tempos iniciais da sua existência.<sup>25</sup>

O geógrafo Manuel Correia de Andrade aquilata bem a importância relativa de Porto da Folha e Propriá no século 19: pólos da vida comercial regional.<sup>26</sup>

Outra notícia de vila de Propriá no decorrer do século 19, é dada por Manuel da Cunha Galvão, num relato sobre a visita do imperador ao Nordeste, em 1860. O cronista julga a vila “bastante extensa e povoada”.<sup>27</sup>

Propriá é um marco significativo na povoação histórica do Baixo São Francisco. Suas origens remontam ao século 18. No entanto, é só no século 19 que a antiga “Santo Antônio do Urubu de Baixo” recebeu o estatuto de vila. À época, para ser erigida em vila a

---

<sup>24</sup> FREIRE, Felisbello. *História Territorial de Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe/Secretaria de Estado da Cultura/FUNDEPAH, 1995.p. 64.

<sup>25</sup> CASAL, Aires. *Corografia brasílica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.p. 247.

<sup>26</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. *O Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste*. 2ª ed. Recife: Sudene, 1979.p. 70 e 73.

<sup>27</sup> GALVÃO, Manuel da Cunha. *Viagem imperial à província de Sergipe...*Bahia: Tipografia do Diário, 1860.p. 156-163.

povoação necessitava possuir mais de cinquenta “fogos”, ou seja, casas. Desde suas origens Propriá foi, sobretudo, um ponto de trocas. Sua feira semanal atraía os sertanejos da circunvizinhança.<sup>28</sup>

*Acorografia* do Pe. Manuel Aires do Casal traz ainda outras informações sobre Propriá nos albores do oitocentos. No campo econômico destaca a sua feira semanal e o seu principal produto: o peixe.<sup>29</sup>

Uma outra fonte oitocentista sublinha a importância da feira de Propriá. “Uma feira de grande concurso” diz D. Marcos Antônio de Souza. Sua população, diz o Padre, é formada de brancos, pardos, mamelucos e curibocas.<sup>30</sup> Até o fim do século 19 a pescaria continua como atividade produtiva da vila. A ela se juntavam a agricultura (mandioca, fumo, algodão, cereais) e a criação de gado vacum.<sup>31</sup>

Nas primeiras décadas deste século a economia de Propriá incrementa-se. Ocupa o segundo lugar no estado quanto à atividade comercial. Cultiva algodão, cereais, cana de açúcar. É uma fase áurea em termos econômicos. Possui engenhos de açúcar (7), beneficiadoras de arroz (6) e de algodão (6), fábrica de tecidos.<sup>32</sup>

João Rodrigues da Costa Dória relata os progressos de Propriá e por volta dos anos 50 deste século: telégrafo, estrada de ferro, eletricidade, imprensa...<sup>33</sup>

A importância de Propriá nos anos 50 deste século é também atestada por outra fonte. A cidade era então um centro de comércio atacadista, um pólo do comércio regional.<sup>34</sup>

No decorrer deste século Propriá continuou sendo um pólo importante na vida regional. Um indicativo disto é que o município entre 1940 e 1970, possuía a mais alta densidade populacional do Baixo São Francisco.<sup>35</sup>

---

<sup>28</sup> FREIRE, Felisbello. *História Territorial de Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe/Secretaria de Estado da Cultura/FUNDEPAH, 1955.p. 70-71.

<sup>29</sup> CASAL, Aires. *Corografia brasílica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.p. 251.

<sup>30</sup> SOUZA, Marcos Antônio de. Memória sobre a capitania de Sergipe: sua fundação, população, produtos e melhoramentos de que é capaz. 2ª ed. Governo de Sergipe/IBGE/Regina, 1944.

<sup>31</sup> FREIRE, Laudelino. *Quadro Chorográfico de Sergipe*. Rio de Janeiro: H. Garnier Irmãos. 1896.p. 134-135.

<sup>32</sup> SILVA, Clodomir (org). *Álbum de Sergipe*. [Aracaju]: Governo de Sergipe, 1920.p. 284.

<sup>33</sup> DÓRIA, João Rodrigues da Costa. *Propriá: ligeiras notas para a sua história*. Salvador: sn., 1961. 25p.

<sup>34</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, v. 19, p. 416-422.

<sup>35</sup> PIERSON, Donald. *O homem no vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: Ministério do Interior/SUVALE, 1972.t. II, p. 10.

### 1.3 BIBLIOGRAFIAS E FONTES

- “Carta de doação da capitania de Pernambuco a Duarte Coelho”, em 5 de setembro de 1534.  
In: RIBEIRO, Darcy e MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. (org). *A Fundação do Brasil: testemunhos 1500-1700*. Petrópolis: Vozes, 1992.p. 138-141.
- “Livro da Nau Bretoa...1511”. In: RIBEIRO, Darcy e MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. (org). *A Fundação do Brasil: testemunhos 1500-1700*. Petrópolis: Vozes, 1992.p. 126-130.
- “Primeiro Regimento que levou Tomé de Souza, governador do Brasil, c 1549”. In: RIBEIRO, Darcy e MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. (org). *A Fundação do Brasil: testemunhos 1500-1700*. Petrópolis: Vozes, 1992.p. 142-148.
- ABREU, Capistrano de. *Capítulos da história colonial & Os caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- ALBUQUERQUE, Manuel Maurício. O Povoamento. In: HEREDIA, Maria da Glória Campos (org). *geografia do Brasil: regiões Meio-Norte e Nordeste*. Rio de Janeiro: IBGE/CNG, 1962.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *O Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste*. 2ª ed. Recife: Sudene, 1979.
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil...*ed. facsimilar da edição original de 1711. Recife: Museu do Açúcar, 1969.
- CARDIM, Fernão. *Tratado da Terra e Gente do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite e Cia., 1925.
- CASAL, Aires. *Corografia brasílica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 34ª ed. Rio: Francisco Alves, 1989.
- DANTAS, Beatriz Góis; SAMPAIO, J. Augusto L. e CARVALHO, Maria Rosário G. de. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro. In: CUNHA, Manuela Carneiro (org) e outros. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: FAPESP/Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- DÓRIA, João Rodrigues da Costa. *Propriá: ligeiras notas para a sua história*. Salvador: sn., 1961.
- FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de bandeirantes e Sertanistas do Brasil*. SP: EDUSP, 1989.
- FREIRE, Felisbela. *História Territorial de Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe/Secretaria de Estado da Cultura/ FUNDEPAH, 1995.
- FREIRE, Laudelino. *Quadro Chorográfico de Sergipe*. Rio de Janeiro: H. Garnier Irmãos. 1896.

- GALVÃO, Manuel da Cunha. *Viagem imperial à província de Sergipe...* Bahia: Tipografia do Diário, 1860.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. “História da Província de Santa Cruz”. In: *Cadernos de História*. SÃO Paulo: Parma, 1979.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, v. 19, p. 416-422.
- PIERSON, Donald. *O homem no vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: Ministério do Interior/SUVALE, 1972.t.II.
- PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa*. Belo Horizonte: Itatiaia, SP: EDUSP, 1976.
- RIBEIRO, João. *História do Brasil*. 16ª ed. Rio: Livraria São José, 1957.
- SILVA, Clodomir (org). *Álbum de Sergipe*. [Aracaju]: Governo de Sergipe, 1920.
- SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional, Brasília: INL, 1987.
- SOUZA, Marcos Antônio de. *Memória sobre a capitania de Sergipe: sua fundação, população, produtos e melhoramentos de que é capaz*. 2ª ed. Aracaju: Regina, 1944.
- SOUZA, Pero Lopes de. “Diário da Navegação”. In: *Cadernos de História*. São Paulo: Parma, 1979.

## **PESSOAL TÉCNICO ATUAL DO PAX**

### **ARQUEÓLOGOS**

- Maria Cleonice de Souza Vergne
- Suely Cristina Albuquerque de Luna
- Ana Lúcia do Nascimento Oliveira
- Ana Cristina do Nascimento
- Suely Gleide Amâncio da Silva
- Henrique Alexandre Pozzi
- Cristiane Cerqueira do Nascimento (Assessoria)

### **CONSULTORES**

- Niéde Guidon
- Gabriela d'Ávila Martin
- Ane Marie Pessis
- André Prous
- Arnaldo Vasconcelos Palmeira
- Francisco José Alves dos Santos
- Aziz N. Ab'Sáber
- José Luís de Moraes
- Tânia Andrade Lima
- Emílio Fogaça
- José Maria Domingues Landin
- Arno Brichta

### **ESTAGIÁRIOS**

- José Marcelo Domingos de Oliveira
- Ailton Feitosa Martins
- Pedro Abelardo de Santana
- Onésimo Gerônimo dos Santos

### **ECONOMISTA**

- Maria Luzia Meneses Vieira